N.º 67 — Aveiro — Quinta-feira 29 de Setembro de 1887 — Anno II

O PARLAMENTO

Redactor — Fernando de Vilhena

Preços da assignatura

Para o reino: Anno, 1$600; Semestre, 800 Trimestre, 400 reis: Avulso, 30 reis.—Para todos os paizes da União Postal: Anno, 3$600 Semestre, 1$800; Trimestre, 900 reis. Avulso, 50 reis.

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Recebem-se assignaturas em todas as Estações Telegrapho-Postaes do Reino

Preço das publicações

Annuncios: Cada linha de uma columna, 30 reis; repetições, 15 reis. Acresce o imposte do sello, 10 reis por cada publicação.—*Communicados*: cada linha de uma columna em corpo 8, 40 reis.

SUBSCRIPÇÃO

PARA

AS VICTIMAS DO INCENDIO DO FURADOIRO

Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia.....	500$000
Governador civil d'Aveiro..	50$000
Dr. José Maria Barbosa de Magalhães, deputado por Ovar.....	100$000
Corpo de policia d'Aveiro..	5$000
O Parlamento.....	2$250
Somma.....	657$250

Todas as quantias devem ser enviadas directamente á Ex.ma Redacção do jornal *O Ovarense* — Ovar.

VERDADES

O Primeiro de Janeiro, seguramente um dos mais graves e conscienciosos jornaes do paiz, escreve as palavras que em seguida transcrevemos, acerca da lucta politica travada pelo illustre ministro da fazenda contra a ambiciosa audacia do banqueiro belga, que ha longos annos explorava o paiz em beneficio exclusivo dos seus intereses.

O heroe dos folhetos da Antuerpia, depois de desacreditar o paiz nos mercados estrangeiros, julgou-se com direitos a intervir na administração do Estado, e aspirou até a derribar e a nomear ministros. E' a suprema infamia d'um caracter anthipatico para todos, e o atrevimento mais aparatoso de que ha memoria.

Bem faz o nobre ministro expulsando esse antuerpino audacioso, que ninguem pode ver e que todos odeiam como a um ambicioso de primeira grandeza.

O artigo é o seguinte:

«Tanto que o sr. Marianno de Carvalho principiou a administrar, viu-se que queria mudar de banqueiro, ou antes queria dispensar os serviços caros e a tutella pesada do banqueiro encartado do partido regenerador. Viu-se isto com prazer, justificado pelas contas das operações fazendarias; todavia, não se imaginou desde logo o que depois, e pouco a pouco, se foi revelando, não se imaginou que esse banqueiro, que passava apenas por um agente de negocios habil, insinuante, enredador, era ou pretendia ser uma potencia politica, com recursos e audacia para aspirar a não menos do que subordinar o governo do paiz aos negocios da sua casa e demittir os ministros que não quizessem ser seus caixeiros. Não se oppunha, apesar de não serem novas as hegemonias pessoaes na nossa decadencia representativa, que se pensasse em forçar corôas de bicos symbolicas com o oiro de *Comptoir d'Escompte*, que um escriptorio commercial podesse ser força da antecamara dos conselhos da corôa, que um estrangeiro feliz tentasse exercer uma dictadura de facto, uma dictadura de exploração, appoiando-se nas pennas, nas vozes, nas paixões e rivalidades dos homens politicos de Portugal. E por isso, repetimos, não se apreciou geralmente o alcance do serviço que o sr. ministro da fazenda se propunha fazer ao paiz colligindo recursos, procurando allianças, captando apoios para resistir ás imposições do argentario antuerpino; não se intendeu que elle desejava, mais do que despedir um agente, emancipar-se d'um patrão; e houve quem o julgasse ligado a um feudalismo financeiro, quando realmente lidava para derribar a tyrannia d'uma agiotagem.

Agora, porém, a situação está esclarecida; agora já todos os miopes veem o que viu o perspicaz ministro. O novo poder do Estado desembuçou-se. Quer tratar de cima do hombro com o governo. Não se abalança apenas a dizer-lhe como ha-de governar, como convém a sua cubiça que se lancem os impostos ou se organisem as industrias; pretende escolher os ministros. O da fazenda estorva-o; julga-se com direito a que lh'o supprimam. Ganha esta victoria, se a situação o não servir será derribada. Tem já um presidente do conselho, um chefe de partido, que fez eleger no conclave dos Cardaes de Jesus. Os outros que se lhe submettam, se querem ser tolerados! A sua influencia transtorna as relações e posições normaes do partido. Ha pouco se viram paladinos regeneradores offerecerem o braço ao chefe progressista para *pôr fora* um collega. Se a perfidia antuerpina se não quebrasse de encontro á conhecida lealdade do sr. José Luciano de Castro, os adversarios servir-lhe-iam de campeões perante o juizo, não de Deus, mas do paiz. Mais ainda: para se impôr, simula altos valimentos, que são affrontas e alardeia dominações que infamam. E assim preparia, se vingasse, uma situação unica d'um aviltamento excepcional, a este paiz brioso. Seria a total enfeudação da politica á finança, e da finança á um argentario omnipotente. O antigo regimen teve dominações de camarilhas e de *bondoirs*; pois no nosso systema representativo pretende estabelecer-se o predominio corruptor do escriptorio bancario! O poder pessoal que o sr. Fontes não conseguiu ou não segurou para os seus talentos e serviços, imaginou um estrangeiro fechal-o no seu cofre de ferro, como verba do balanço das suas habilidades. Escapámos, em summa, das garras d'um generoso leão, e querem-nos arrancar a pelle as unhas sordidas d'um chacal!

Tal é realmente, a monstruosidade com que lucta o sr. ministro da fazenda e a monstruosidade que inexoravelmente o persegue. Esperemos, porém, que baste denuncial-a para a confundir.

Viagem da Familia Real

Foi imponente a recepção que na estação d'esta cidade se fez á Familia Real.

Eram duas horas e vinte minutos quando o comboyo real chegou, sendo saudado por calorosos vivas a Suas Magestades e Altezas, soltados de milhares de labios, e pelo hymno real, executado pela charanga de cavallaria n.º 10, e pela phylarmonica *Amizade* e pela muzica de Vagos.

A estação d'esta cidade estava vistosamente ornada com galhardetes e festões de murta e flores. Centenares de bandeiras, com as côres nacionaes, italianas e francezas, engalanavam toda a gare e bem assim escudos com as armas de Portugal, e das casas reaes de Saboya e Orleans.

A guarda de honra era feita por toda a força disponivel do regimento de cavallaria n.º 10, que se apresentou com a bandeira que lhe foi offerecida pelas damas aveirenses. Enormes girandolas de foguetes annunciaram a entrada nas agulhas do comboio real, e bem assim a sua chegada á gare. Este signal de publico regosijo foi immediatamente secundado pelo tocar festivo dos sinos nas torres dos Paços do concelho e todas as egrejas da cidade.

Era verdadeiramente extraordinaria a concorrencia de povo que havia na gare e avenidas da linha e estação. Nunca ali concorreu tanta gente e nem tão pouco a familia real aqui recebeu manifestação mais enthusiastica do que esta foi, manifestação genuinamente popular e sympathica até mais não poder ser.

Todos os membros da familia real appareceram logo na varanda da carruagem afim de receberem os cumprimentos officiaes das pessoas que os aguardavam.

O primeiro a subir a varanda e a beijar a mão de Suas Magestades foi o nosso collega do *Campeão das Provincias* o sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães, que está exercendo as funções de governador civil, seguindo-se-lhe a camara municipal e muitos outros funccionarios e pessoas particulares.

Sua Magestade El-Rei quando o sr. Luiz Augusto da Fonseca Regala, conceituado clinico d'esta cidade e muito digno delegado de saude d'este districto, lhe foi beijar a mão, communicou-lhe que o agraciava com as honras de medico da real camara.

A pequena demora que o comboyo teve obstou a que muitas outras pessoas e entre essas as senhoras que se achavam presentes, fossem tambem apresentar os seus respeitos a S. S. Magestades e Altezas, pois era esse o desejo unanime de todos.

Durante o tempo que o comboyo se demorou nem um só momento se deixaram de ouvir os mais enthusiasticos vivas a El-Rei, á Rainha, á Princeza D. Amelia, aos Principes Real e da Beira, e infante D. Affonso, aos ministros e ao partido progressista.

Festividade

Realisou-se no domingo, na Costa Nova do Prado, a festa a Nossa Senhora da Saude. A concorrencia de povo que ali affluiu, era enorme.

Houve arraial e festa d'egreja, assistindo a phylarmonica *Aveirense*, que executou as melhores peças do seu variado roportorio.

A RIA D'AVEIRO

Bases para a organisação do Regulamento interno do corpo de policia da Ria d'Aveiro

14.º—Prender ou mandar prender os individuos que fôrem encontrados a roubar nas ilhas, marinhas, praias, viveiros, piscinas, bancos de marisco e molluscos, nos terrenos marginaes ou confinantes com a Ria e nos predios, armazens, ou propriedades, estabelecidas nas costas do litoral.

15.º—Collocar o sello nas redes e cobrar a sua importancia pela fórma determinada no Regulamento respectivo.

Art. 24.º Compete ás praças do Corpo de Policia da Ria:

1.º—Rondar de noite e dia, (salvo caso de força maior), em conformidade com a respectiva escala de serviço a area que lhe fôr designada pelo chefe da respectiva Esquadra;

2.º—Impedir o porte e uso d'armas prohibidas, ainda mesmo dentro de qualquer embarcação, aos individuos que não mostrarem licença para esse fim, e participar os abusos com ellas praticados pelos que tiverem licença para as usar;

3.º—Impedir a pesca com redes e armações de qualquer especie, que não tenham o sello da Intendencia, aprehendendo-as e remettendo-as á Esquadra.

4.º—Não permittir que nos caes, rios, esteiros, ou canaes permaneçam por mais do que o tempo preciso para a carga ou descarga, os barcos que ali atracarem;

5.º—Accudir aos naufragios na Ria, ou no mar, e adoptar as providencias convenientes em quanto não apparecer a auctoridade superior;

6.º—Prevenir o chefe da Esquadra ou o Intendente de Policia, de qualquer sinistro ou crimes de que tiverem conhecimento pelos meios mais rapidos de que poderem dispôr;

7.º—Aprehender os barcos, redes ou quaesquer apparelhos, aos transgressores de Regulamento de pesca e exploração da Ria e Costas do litoral d'Aveiro, e em harmonia com o mesmo Regulamento;

8.º—Prestar todas as informações que lhes forem pedidas ácerca de objectos das suas attribuições;

9.º—Impedir a apanha de vegetaes aquaticos, mariscos ou moluscos nos casos e periodos em que o respectivo Regulamento a prohibe;

10.º—Participar diariamente ao chefe da Esquadra todas as occorrencias de que tiver conhecimento.

11.º—Solicitar da Intendencia ou requisitar directamente o auxilio da força armada, quando circumstancias extraordinarias o reclamem;

12.º—Prestar todos os recursos e auxilio de que poder dispor, aos feridos, doentes ou embriagados que encontrar, fazendo-o conduzir á Esquadra mais proxima para se lhes dar o destino conveniente;

13.º—Impedir a collocação de estacas ou varas, ou fazel-as arrancar quando as encontrarem;

§ **unico**.—Exceptuam-se as varas que servirem de amarração provisoria a qualquer embarcação, e as que servem no exercicio da pesca das redes denominadas *branqueiras*, *solheiras* e de *salto*, e as dos *butirões* quando não difficultem ou embarassem a viação;

14.º—Fiscalisar a existencia de estabelecimentos insalubres, perigosos ou incommodos situados na area policial ou Costas sujeitas á jurisdição da Policia, e dar parte, por via do Chefe da Esquadra, ao Intendente, d'aquelles que funccionarem sem previa licença;

15.º—Examinar todas as licenças passadas na Intendencia, procedendo com os infractores nos termos do respectivo Regulamento;

16.º—Manter o dominio das aguas e terrenos publicos levantando immediatamente auto contra os infractores;

17.º—Vigiar pela segurança da propriedade particular e do Estado, impedindo os roubos nas ilhas, praias, viveiros, bancos, piscinas, em todos os terrenos que marginam a Ria ou que com ella confinem, bem como em todas as Costas do litoral, prendendo os individuos encontrados a roubar e remettendo-os para a Esquadra a que a praça pertencer, com a devida participação e ról de testimunhas.

18.º—Prohibir os depositos de mexoalho em qualquer ponto da Ria ou Costas do litoral, durante os mezes de junho, julho, agosto, setembro e outubro, autuando os desobedientes;

19.º—Prestar auxilio a qualquer pessoa que lh'o requisite, participando-o em seguida para a Esquadra;

20.º—Fazer conduzir á Esquadra respectiva qualquer embarcação ou objecto que encontrar abandonado, dando d'este facto participação por escripto, com a designação do local, dia, hora, estado e todas as mais circumstancias, que possam dar a conhecer o seu legal proprietario;

21.º—Levantar o respectivo auto de noticia e remettel-o immediatamente á Esquadra, quando encontrar algum cadaver arrolado na Ria ou Costas do litoral;

22.º—Prender os arraes e tripulantes dos barcos abalroadores quando o abalroamento occasionar desgraças pessoaes, intimando logo as testimunhas para comparecerem na Intendencia de Policia, 48 horas depois do desastre, remettendo logo para a esquadra, os presos junctamente com o auto e ról de testimunhas;

23.º—Aprehender na Ria, nas Costas do litoral, nos mercados ou em qualquer parte onde o encontrar, todo o peixe de tamanho inferior a 0m,015 e que seja de natureza propria a obter maior crescimento;

§ **unico**.—Exceptua-se das disposições d'este numero o peixe encontrado vivo em depositos especiaes e destinado ao abastecimento de parques d'engorda, viveiros e piscinas, e que fôr acompanhado da licença a que se refere o artigo 18.º do Regulamento de pesca e exploração da Ria e Costas do litoral d'Aveiro;

24.º—Levantar os respectivos autos por todas as infracções do citado Regulamento;

25.º—Autuar os arraes dos barcos abalroadores quando se veja ou possa provar que o abalroamento foi voluntario, ainda que não tenha dado causa a desgraças pessoaes, enviando para a Esquadra o respectivo auto e ról de testimunhas;

26.º—Accudir a qualquer conflicto occorrido na sua area, prendendo os seus promotores.

Art. 25.º—E' prohibido aos chefes e praças da Policia da Ria:

1.º—Tomar nas conversações e discussões particulares, e quando ellas não perturbem a ordem e o socego publico;

2.º—Entrar nas casas particulares sem previo consentimento dos seus habitadores, salvo quando tenham ouvido gritos de soccorro, quando de dentro lhe tenham feito reclamação n'esse sentido, ou quando seja preciso fazel-o para salvação de vidas ou de propriedade;

3.º—Entrar em tabernas, botequins, casas de jogo ou de prostituição não sendo para objecto de serviço publico;

4.º—Pedir emprestada qualquer quantia ou comprar a credito aos donos dos estabelecimentos, que forem incumbidos á sua vigilancia;

5.º—Receber gratificações dos particulares pelos serviços da sua competencia official, a não ser por intermedio do Intendente de Policia;

6.º—Fazer uso das armas, não sendo em defeza propria ou de algum objecto do Estado, ou em casos extremos quan-

---

Folhetim do «Parlamento»

11

CAMILLO CASTELLO BRANCO

COUSAS QUE SÓ EU SEI

X

E' natural a exaltação de Carlos, depois de erguido o véo, em que se escondiam os mysterios de Henriqueta. Alma apaixonada pela poesia do bello, e pela poesia da desgraça, Carlos não teve nunca impressão na vida, que mais lhe incendiasse uma paixão!

As cartas a Angela Michaela eram o desafogo do seu amor sem esperança. Os mais ferventes extasis da sua alma de poeta, imprimiu-os n'aquellas cartas escriptas debaixo de uma impressão, que lhe roubava a tranquillidade do somno, e o refugio d'outros affectos.

Henriqueta respondera concisamente ás explosões d'um delirio, que nem se quer a fazia tremer pelo seu futuro. Henriqueta não podia amar. Arrancaram-lhe pela raiz a flôr do coração. Esterilisaram-lhe a arvore dos bellos fructos, e envenenaram-lhe de sarcasmo e ironia os instinctos do carinho brando, que acompanham a mulher até á sepultura.

Carlos não podia supportar uma repulsa nobre. Persuadira-se que havia um estalão moral para todos. Confiava no seu ascendente, em não sei que mulheres, entre as quaes lhe não fôra penoso nunca fixar o dia do seu triumpho.

Homens assim, quando encontram um estorvo, apaixonam-se seriamente. O amor proprio, angustiado nos apertos d'uma impossibilidade invencivel, adquire uma nova feição, e converte-se em paixão, como as paixões primeiras, que nos sopram a tempestade no limpido lago da adolescencia.

Carlos, em ultimo recurso, percisava saber onde morava Henriqueta. No lance extremo d'um desafogo, hiria elle, audacioso, humilhar-se aos pés d'aquella mulher, que a não poder amal-o, choraria com elle ao menos.

Estas preciosas futilidades escaldava-lhe a imaginação, quando lhe occorreu a astuciosa lembrança de snrprehender a morada de Henriqueta surprehendendo a pessoa que no correio lhe tirava as cartas, subscriptadas a Angela Michaela.

Conseguido o compromettimento de um empregado do correio, Carlos empregou nesta missão um vigia insuspelto.

No dia de correio, uma velha, mal trajada, pediu a carta n.º 628. O que a entregou fez um signal a um homem, que passeava no corredor, e este homem seguiu de longe a velha até ao campo de Santo Ovido. Feliz das vantagens, que lucrára em tal commissão, correu a encontrar-se com Carlos. E' ocioso descrever a precipitação com que o enamorado mancebo, espiritualisado por algumas libras, correu á indicada casa. Em honra de Carlos, é necessario dizer que aquellas libras representavam a eloquencia com que elle tentaria mover a velha em seu favor, por isso que, á vista das informações que tivera da pobreza da casa, concluiu que não era alli a residencia de Henriqueta.

Acertou.

A confidente de Henriqueta fechava a porta da sua baiuca, quando Carlos se aproximou, e muito urbanamente lhe pediu licença para dizer-lhe duas palavras.

A velha, que não podia receiar alguma aggressão traiçoeira aos seus virtuosos oitenta annos, franqueou os umbraes da sua possilga, e prestou ao seu hospede a cadeira unica do seu camarim de tecto de vigas, e pavimento de lages.

Carlos principiou como devia o seu ataque. Lembrado da chave com que Bernardes manda fechar os sonetos, applicou-a á abertura da prosa, e conheceu de prompto as vantagens de ser classica, quando convém. A velha, quando viu no regaço duas libras, sentiu o que nunca sentira a mais carinhosa das mães com dois filhinhos no collo. Luziram-lhe os olhos, e dançaram-lhe os nervos em todas as evoluções dos seus vinte e cinco annos.

Feito isto, Carlos precisou a sua missão nos seguintes termos:

— Esse pequeno donativo, que lhe faço, ha-de ser repetido, se vocemecê me fizer um grande serviço, que póde fazer-me. Vocemecê recebeu, ha pouco, uma carta, e vae entregal-a a uma pessoa, cuja felicidade está nas minhas mãos. Estou certo que vocemecê não ha-de querer occultar-me a morada d'essa senhora, e prival-a de ser feliz. O serviço que tenho a pedir-lhe, e a pagarlhe bem, é este; póde fazer-m'o?

A fragil mulher, que não se sentia bastante heroina para hir de encontro á legenda, que D. João V. fez gravar nos cruzados, deixou-se vencer, com mais algumas reflexões e denunciou o santo asylo das lagrimas de Henriqueta, segunda vez atraiçoada por uma mulher, fragil á tentação do ouro, que lhe roubára um amante, e vem agora devassar-lhe o seu sagrado refugio.

Poucas horas depois, Carlos entrava em uma casa da *rua dos Pelames*, subia a um terceiro andar, e batia a uma porta, que lhe não foi aberta. Esperou. Momentos depois, subia um rapaz com uma caixa de chapeu de senhora: bateu; perguntaram de dentro quem era, o rapaz failou, e a porta foi immediatamente aberta.

Henriqueta estava sem dominó na presença de Carlos.

Foi sublime esta apparição. A mulher, que Carlos viu, não saberemos nós pintal-a. Era o original d'essas explendidas illuminuras, que o pincel do seculo XVI fazia saltar da téla, e consagrava a Deus, denominando-as Magdalena, Maria Egypsiaca, e Margarida de Corthona.

O homem é fraco, e sente-se mesquinho perante a magestade da belleza! Carlos sentiu-se dobrar nos joelhos; e a primeira palavra, que balbuciou foi «perdão!»

(*Continua*)

do a manutensão da ordem o exija ou os seus superiores o determinem;

7.º—Usar de bengala ou guarda-chuva;

8.º—Apreciar publicamente o procedimento dos seus superiores;

9.º—Influir por qualquer fórma, directa ou indirectamente, nas questões politicas, a não ser pelo simples exercicio dos seus direitos eleitoraes;

10.º—Fazer manifestações, representações ou pedidos collectivos.

Art. 26.º—As praças do Corpo de Policia da Ria residem nas suas respectivas Esquadras.

§ unico.—As praças que servirem na Esquadra Central poderão, com ordem do Intendente, pernoitar nas suas residencias particulares, se estas não estiverem situadas fóra dos limites da cidade d'Aveiro.

Art. 27.º—As praças, que estiverem de serviço, não pódem praticar acto algum de familiaridade com o publico, devendo evitar conversações na Esquadra, nas rondas, ou a bórdo, a não ser sobre objecto de serviço usando em todas as suas relações com o publico da maior cordura e urbanidade.

Art. 28.º—As praças teem o tempo todo obrigado ao serviço policial, podendo por isso ser chamadas a todas as horas, ainda mesmo quando fóra do serviço ordinario, de modo que devem estar sempre promptas para comparecer ao primeiro chamamento.

Art. 29.º—Não é permittido ás praças de Policia da Ria empregarem-se em qualquer outro ramo de negocio ou exercer outro qualquer outro ramo de negocio ou exercer outro qualquer emprego por si proprios ou por interpostas pessoas.

Art. 30.º—Os chefes e praças da Policia não podem, em caso algum, soltar os presos. Feita a prisão, a praça fará conduzir o capturado á respectiva Esquadra, sende d'esta remettido á Intendencia para ter o destino conveniente.

Art. 31.º—Nos crimes que deixarem vestigios permanentes, o Intendente de Policia terá o maior cuidado em que elles não desappareçam, dando immediatamente conta ás respectivas auctoridades para que ellas possam proceder, sem perda de tempo, em conformidade com o artigo 902.º e seguintes da N. R. Judicial.

Art. 32.º—Quando se possam obter provas ou esclarecimentos ácerca de um crime, por documentos ou oubjectos de qualquer natureza, que se presumam existir em casa do indiciado, de outras pessoas ou ainda a bordo de qualquer embarcação de mar ou Ria, é permittido ao Intendente de Policia proceder nos termos do art. 914.º e seguintes da N. R. Judicial.

Art. 33.º—O Intendente de Policia, o Secretario, chefes e praças são obrigados a andar sempre uniformisados, salvo o caso de estarem de licença ou quando as conveniencias do serviço policial aconselhem que andem á paisana; n'este caso porém, o Secretario, chefes e praças só poderão fazel-o com expressa auctorisação do Intendente.

(Continúa.)

Aia do Principe da Beira

Partiu na terça feira para o Porto, a fim de se apresentar no Paço real, a sr.ª D. Maria do Carmo, que foi escolhida para ser aia de S. A. o principe da Beira, e cuja missão ha de desempenhar tão distinctamente como a ama, que, pelo seu estremado disvelo, soube captar as sympathias de toda a familia real, que muito a estima.

Colheita de sal

Terminou finalmente a colheita do sal. O preço do coberto é ainda de réis 18$000; o descoberto está por 16$000 rs. o barco ou a medida de 15:000 litros.

Dia de grande gala

Foi hontem dia de gala, por ser o anniversario natalicio de suas altezas reaes o principe D. Carlos e a princeza D. Maria Amelia.

Nossa Senhora dos Navegantes

Na segunda feira houve na Barra, d'esta cidade, a costumada festa a Nossa Senhora dos Navegantes.

Houve arraial e festa de egreja.

EXCENTRICIDADES MILITARES AMERICANAS

UM BOCADO DE BOM HOMOR

Aos nossos sympathicos camaradas de cavallaria n.º 6

Já estamos a calcular que o leitor vae ficar devéras surprehendido e extasiado perante este nosso artigo.

Julgara talvez que o humilde auctor d'estas linhas intenta lançar mão do seu rachitico espirito, para proporcionar ao publico um cavaco meio carnavalesco, que convide a rir, e faça esquecer por momentos as agruras da vida humana.

Engana-se, porém, quem nos attribuir esse proposito, proprio d'um caracter jovial e alegre, que infelizmente não possuimos.

Não é esse o nosso intento e se alguma vez nutrissemos tal desejo, ver-nos iamos completamente privados da graça e da habilidade, que pede aquelle genero de litteratura.

Não procuramos, pois, fazermo-nos engraçados á força, indo contar anedoctas espirituosas, que abalem toda a seriedade e melancholia de que os leitores possam estar possuidos.

O assumpto de que vamos tractar é realmente prasenteiro e comico, mas da nossa parte em nada contribuimos para lhe darmos esse tom.

O que fazemos é simplesmente narrar o que nos contam com toda a fidelidade.

Avaliamos bem que o leitor deve ficar boquiaberto e altamente surprehendido com a narração que vamos fazer, porque o mesmo nos succedeu quando tivemos noticia d'este caso extravagante, succedido nos Estados-Unidos.

Comtudo, depois da confissão que fizemos ninguem deverá suppôr de certo que vamos dar livre curso ao nosso estreito genio inventivo.

Se a questão vae proporcionar alguns momentos de riso e distracção, agradeçam, pois, ao verdadeiro auctor do facto, que passamos já a relatar.

A America do Norte é effectivamente um paiz poderoso, que assombra todo o mundo pela sua marcha imponente na senda do progresso.

E' um espelho luzente, onde se devem contemplar a industria, a arte e a sciencia europeias.

Mas conjunctamente com o grandioso e sublime espectaculo do trabalho material e intellectual, que nos offerece dia a dia, quanto assumpto comico não fornece tambem para nos tirar o ar carrancudo e innundar-nos com lagrimas de riso?

Estamos todos tão familiarisados com as *excentridades* do povo americano, que não devemos pôr duvida alguma em acceitar como verdadeiro o caso de que aqui nos occupamos.

Os uniformes militares foram tambem ha muito pouco tempo objecto de discussão na America, havendo empenho em os reformar.

Cada paiz tem os seus habitos e processos particulares para promover a reforma dos serviços publicos, e n'estes assumptos a critica colloca-se sempre em campos muito variados, quando se trata de apreciar o modo de pôr em pratica as referidas reformas.

E d'entre todas as reformas militares, a que inquestionavelmente provoca mais sortimento de opiniões de variadissimos quilates, é a *reforma de fardamento*.

A discussão d'um assumpto d'esta natureza prolonga-se sempre demasiadamente, porque cada um entra na *arena ideologica* com duas aspirações: uma é o empenho em se harmonisar com os principios estabelecidos pela sciencia e pratica da guerra, outra é o capricho vaidoso em se revestir com um vestuario elegante e adornado, que agrade o mais possivel aos dois sexos, principalmente o *bello*.

A primeira aspiração conduz todas as opiniões ao mesmo resultado final, porque os principios scientificos a que deve satisfazer o vestuario militar são invariaveis.

Mas a quantos caminhos variados não pode conduzir a segunda?

Quantas fórmas infinitas não apresenta o capricho de vestir?

Quanto não divergem e variam os gostos relativamente ao fato?

Quão differentes não são as opiniões que cada um fórma da elegancia?

Esta variabilidade na segunda alavanca da discussão (que em regra não devia actuar senão no grau necessario para não prejudicar a acção da primeira) torna longo e difficilimo o accordo.

O governo americano, na intenção de reformar o uniforme dos officiaes de marinha, fez com que estes fossem convidados a fornecer todas as indicações que entendessem por convenientes n'aquelle sentido.

E' sobre este ponto que nós pedimos a attenção do leitor benevolo.

Um escriptor de Washington, escrevendo para o «Boston Journal», diz que aquelle convite lhe fez lembrar um outro do mesmo genero, dirigido por Jefferson Davis quando fôra secretario do ministro da guerra, que deu em resultado a scena extravagante que vamos descrever.

O caso passou-se do seguinte modo:

Um dos convidados a apresentar alguma ideia sobre a materia em exame, foi o tenente Derby, muito conhecido no exercito pelo seu caracter folgazão e galhofeiro.

O convite não o amedrontou nem lhe produziu a mais pequena perturbação de espirito, e mais breve que um relampago, dentro de pouco tempo enviou a resposta ao secretario.

Logo que os collegas souberam da instantaneidade com que Derby fez subir o seu parecer ao ministerio da guerra, começaram a prever um acontecimento de sensação que désse logar a muitos commentarios.

Effectivamente assim foi.

O alvitre por elle apresentado e encaminhado pelas vias competentes foi o mais comico e burlesco que se pode imaginar.

De mais, os leitores vão vêr, e dirnos-hão depois se fômos exaggerados.

Só um americano poderia ter semilhante lembrança!

Propunha aquelle official que se adaptasse um annel de ferro de duas pollegadas de diametro á parte superior e posterior das calças dos soldados, procurando demonstrar as grandes vantagens d'esta medida, com razões muito especiaes mais proprias para nos rirmos a bandeiras despregadas do que para nos convencermos da excellencia d'aquelle principio tão original.

O tenente Derby não pára ainda aqui. Dá curso ao seu genio reformador por mais tempo e torna-se mais fecundo de espirito, apresentando outros pensamentos, que elle reputa como corollarios.

Feita aquella reforma no uniforme (adaptação do anuel á calça), vem como consequencia necessaria uma pequena modificação no armamento dos officiaes.

Era de prever.

O official, em vez de espada, deveria munir-se d'uma vara de freixo com um forte gancho n'uma das suas extremidades. O puro *croque*, sem duvida!

O *anel* na calça do soldado e o *croque* na mão do official, formariam um systema seguro e excellente (segundo o inventor) para manter o soldado firme na linha de batalha ou para o agarrar quando elle pretendesse fugir.

Bastaria para isso enganchar o cobarde no momento critico da fuga, e elle ficaria collado ao seu posto como uma rocha.

Que grandioso recurso para a manutenção da disciplina e que optimo meio de acabar com os desertores!

Prosegue o inventor nas suas explicações sobre o systema subordinar—*annel-croque*.

O annel de ferro não seria proveitoso só para marinheiros e infanteria, mas tambem para cavallaria e artilheria.

Em cavallaria, aquelle annel iria ligar-se com outro, preso ao selim, e d'este modo o homem nunca cairia do cavallo em que montasse!

Em artilheria, o homem poderia sem difficuldade engatar-se ao reparo das peças, e seria assim utilmente aproveitado no serviço de tracção, quando em um dado momento não houvesse quadrupedes em numero sufficiente para aquelle mister!

O homem era, portanto, considerado como uma reserva de gado, sempre prompto a atrellar-se, quando faltassem os *brutos da primeira linha*! Era homem emquanto estes ultimos existissem *in magna quantitate*, mas logo que elles rareassem nas unidades de combate, então a sua classificação mudava completamente na escala zoologica. O seu serviço passava a ser de natureza muito differente.

O homem perdia depois este titulo e nada mais era do que *um bruto de 2.ª linha* para preencher as falhas da primeira.

Era conveniente que o homem podesse transitar muito facilmente do papel de *bipede* para o papel de *quadrupede* e vice-versa, e Derby achou que este problema ficava satisfactoriamente resolvido, com a invenção do seu maravilhoso *annel bestial*, chamemos-lhe assim.

Com este appendice posterior o *homem* identificar-se-hia com a *mula* ou *cavallo*, e seria portanto muito pouco provavel que qualquer viatura ficasse sem animal para puxar.

O *annel bestial* ou *brutifero*, como lhe queiram chamar, era uma especie de *brevet* com que o inventor contemplava o artilheiro para que estivesse em condicção de *puxar*.

Admiravel annel na verdade!

Quantas applicações elle não poderia ter ainda, além das que foram apontadas pelo prasenteiro official!

A proposta do tenente Derby era acompanhada de muitos desenhos representando: officiaes forçando soldados de de infanteria a conservaremse na fileira pela introducção do *croque* no *annel*, bravos dragões encadeados nos seus selins á prova de quedas, soldados de artilheria com as prolongas applicadas no *annel*, puxando pezadas peças de artilheria por subidas muito ingremes, etc.!

Os empregados do ministerio da guerra riram-se a bom rir, quando viram o projecto do excentrico tenente, mas o secretario Jefferson Davis, logo que elle lhe chegou ás mãos, indignou-se altamente e considerou-o como um insulto.

Immediatamente intentou um processo de accusação contra o auctor da proposta, que iria certamente responder a um conselho de guerra, se não fosse o governador Marey pedir a Davis para abafar esta questão tão caricata e irrisoria.

Eis o caso completamente narrado.

O leitor deve confessar que é *sui generis*.

Nós pelo menos não temos conhecimento de nenhum semelhante.

O inventor do *annel-croque* de que se esqueceu de considerar, foi o caso em que a resistencia desenvolvida pelo *annelado* fosse superior á potencia do *croqueiro*. Era esta uma questão essencial, querendo-se avaliar se o projecto Derby assegurava um bom serviço de disciplina e de combate.

Onde iria parar o *croque* n'esta hypothese, e que expediente deveria tomar o official?

Respondam os apologistas da *força material* como grande principio para manter a subordinação.

Serão raros os sectarios do *croque*, mas temos a certeza de que por esse mundo existem ainda muitos, que julgam ser a *acção muscular* o principal meio de levar os atiradores ao fogo e fazer carregar os esquadrões contra as massas inimigas.

Sem bordoada nada se faz, dizem elles na sua linguagem caracteristica.

Para esses, não podem existir os nobres sentimentos que caracterisam a *heroicidade* e a *bravura*.

E' verdade que os meios physicos são ás vezes necessarios em momentos criticos, e o seu emprego é permittido pelos regulamentos, mas nunca se podem constituir como regra.

Só ha uma força conhecida capaz de subordinar milhares de homens armados á vontade d'um pequeno numero de officiaes.

Esta é a *força moral da disciplina*, gerada pela instrucção e educação militares. Quando este talisman não existir, não ha *croques* nem *anneis de ferro*, que liguem o soldado ao dever. Os *derbystas* que se recolham.

D. Antonio José de Mello.

5 de setembro de 1887.

Poço do Bispo, 25.—O comboyo real passou ás 7 horas e 58 minutos da manhã. Muita gente na estação.

Olivaes, 25.—Suas magestades passaram aos Olivaes ás 8 horas e 8 minutos. O comboyo vae tão rapido que mal se avistam os monarchas, cuja passagem era esperada com anciedade.

Sacavem, 25.—Acabam de chegar suas reaes magestades. Seguiram ás 8 horas e 13 minutos.

Alhandra, 25.—Muita gente esperava na estação e seus arredores a familia real. Passou ás 8 horas e 31 minutos.

Villa Franca, 25.—Acaba de passar sem novidade o comboyo que conduz a familia real. Do centro da povoação subiram ao ar muitas girandolas.

Azambuja, 25.—Passou o comboyo real sem paragem. Grande concorrencia á passagem. Vivas.

Santarem, 25.—Acaba de passar o comboyo real, que conduz suas magestades e altezas. E' geral a pena de que suas magestades não se demorassem mais. Grande enthusiasmo da multidão.

Santarem, 25.—O comboyo real chegou a Santarem ás 9 e meia. Comprimentos da camara municipal, auctoridades civis e militares. Guarda de honra de artilheria 3 e respectiva charanga. Foi lida uma mensagem de felicitação por um membro da camara. Muitissimo povo clamava a familia real. Ao Entroncamento chegou ás 11 horas e 10, demorando-se 15 minutos, recebendo comprimentos dos officiaes militares e auctoridades civis.

Cartaxo, 25.—O comboyo real passou a Santarem ás 9 horas e 3 minutos, sem novidade.

Gollegã, 25.—O comboyo real passou na estação de Torres Novas ás 10 horas e 5 minutos. Não parou ali. Vivas e saudações. Chegada ao Entroncamento ás 10 horas e 10 minutos.

Barquinha, 25.—O comboyo real chegou ao Entroncamento ás 10 horas e 10 minutos e saiu ás 10 e 30 minutos sem novidade.

Pombal, 25.—O comboyo real, conduzindo a familia real, chegou a esta villa ás 11 horas e 55 minutos. Suas magestades e altezas seguem para o Porto sem novidade alguma. A *gare* estava embandeirada. Grande multidão e musicas. As auctoridades e a camara municipal vieram comprimentar a familia real. Enthusiasticos vivas.

Pombal, 25.—Suas magestades e altezas chegaram a esta estação ás 11 h. e 43 minutos da manhã, partindo ás 11 e 55 minutos. Foram recebidos com as mais ardentes manifestações de enthusiasmo por extraordinario concurso de povo. Foi a recepção mais imponente que aqui se tem feito ás pessoas reaes. Na estação estavam o sr. governador civil do districto e todas as auctoridades do concelho e comarca. Calorosos vivas aos srs. presidente do conselho, ministro das obras publicas e a todo o ministerio.

Soure, 25.—O comboyo real passou aqui ás 12 horas e 28 minutos da tarde, sem novidade. El-Rei foi felicitado na sua passagem pelas principaes auctoridades do concelho. Grande multidão de povo victorisa a familia real, tocando a musica na sua passagem e subindo ao ar grande numero de girandolas de foguetes.

Coimbra, 25.—O comboyo real chegou á estação d'esta cidade á 1 hora e 18 minutos da tarde. Aguardavam a chegada da familia real as auctoridades civis e militares, judiciaes e immenso concurso de povo, calculado em mais de seis mil pessoas. Musica, foguetes e vivas clamorosos. Manifestação imponentissima. Partiu o comboyo cinco minutos depois da chegada. Não houve o mais ligeiro incidente. A passagem do comboyo foi annunciada ao povo da cidade pelos repiques de sinos em todas as torres.

Coimbra, 25.—Acaba de passar a familia real. Na *gare* mais de seis mil pessoas. Enthusiasmo indiscriptivel. Foram levantados vivas á familia real, ministros, etc., que foram calorosamente correspondidos. Manifestação imponente.

Coimbra, 25.—Na passagem do comboyo girandolas de foguetes. Tocou uma banda na *gare*. Multidão immensa.

Coimbra, 25.—Em Taveiro houve uma paragem de cinco minutos. Chegou ás 12 horas e 50 minutos. Comprimentos do governador civil de Aveiro.

Coimbra, 25.—Chegou á 1 hora e 10 minutos. Mais de seis mil pessoas. Governador civil, bispo-conde, reitor da universidade e corpo docente da universidade.

Regimento e banda. Aclamações á familia real, José Luciano, Emygdio Navarro e partido progressista. Enthusiasmo indiscriptivel.

Estarreja, 25.—O comboyo real passou aqui sem novidade. Grande concurso de povo. Muitos vivas e aclamações.

Ovar, 25.—Suas magestades e altezas passaram aqui ás 3 horas e 8 minutos da tarde. Multidão consideravel e anciosa para ver a familia real.

Espinho, 25.—Acaba de chegar a esta estação o comboyo real. São 3 horas e 30 minutos da tarde. Ao longo da *gare* uma dupla fila de moradores da povoação e muita gente dos arredores esperavam o comboyo.

Granja, 25.—Passou o comboyo real, sendo muito saudado na sua passagem.

Porto, 25, ás 4 h. e 23 m. da tarde.—Chegou o comboyo real ás 3 h. e 46 m. Desde Coimbra que a viagem tem sido uma grandiosa ovação.

Na estação do Porto a recepção foi imponente. O enthusiasmo que se tem notado é sincero e convicto.

Novo caminho de ferro

O «Imparcial de Coimbra», diz constar-lhe que a firma Fonseca, Santos & Vianna, concessionaria do caminho de ferro de Coimbra a Arganil, tenciona prolongal-o até Castello Branco, e que para isso vae mandar proceder aos respectivos estudos.

Novo mal das vinhas

Acaba de apparecer, propagando-se com intensidade, no sul da França e tem a denominação scientifica de *coniothyrium diplodiella*.

Esta doença, descoberta já ha annos nas vinhas da Vendéa, ataca os cachos pelo pedunculo, que murcha e apodrece, fazendo-os sahir. Em quatro ou cinco dias, póde destruir totalmente uma colheita.

Teem sido coroadas de bom exito as experiencias feitas para combater esta molestia por meio da *Agua celeste*, tambem muito recommendada contra o «mildiù.»

Está aberto concurso para o provimento do logar de escripturario da repartição de fazenda de Cascaes.

Por iniciativa do sr. Antonio Maria de Senna acaba de ser estabelecida no hospital do conde de Ferreira uma officina typographica, que o notavel alienista tenciona aproveitar como elemento de trabalho e curativo para os doentes ali recolhidos.

A officina tem por emquanto o caracter de simples experiencia.

Dado que ella produza resultados apreciaveis será então definitivamente installada, requisitando-se para isso da meza da Santa Casa da Misericordia o material competente.

Consequencias do manifesto

Paris, 23.—O conselho de ministros, que hontem se reuniu, teve por fim combinar qual ha-de ser a attitude que tomará o governo a respeito dos principes das casas Orleans e Bonaparte, que ainda não foram expulsos.

A impressão que reina nos centros politicos e que o governo medita a conveniencia de se adiantar á interpellação dos radicaes, fazendo desde já uso dos poderes, que lhes foram concedidos pela lei de expulsão.

O *Le Courrier du Soir* confirma estas impressões, dizendo que o ministerio está resolvido a responder ao manifesto do aonde de Paris, tomando alguma medida contra todos os membros da familia Orleans, a quem parece logico considerar como agentes naturaes do pretendente.

A respeito dos Napoleões nada se diz.

Quanto á confiscação dos bens da casa Orleans, parece que não se fará coisa alguma, principalmente porque o governo tem noticia de que daria um golpe em vão, pois que os principes têm tido o cuidado de pôr os seus bens a seguro d'esta ou d'outra eventualidade semilhante.

POMBA ENTRE MILHAFRES

.....

Um dia, foi em vão que esperou o namorado. E passaram-se dias e dias sem nunca mais e tornar a vêr. Luiza sentia-se succumbir. A ardencia da paixão havia-lhe seccado as lagrimas. Não chorava. Tinha desesperos nervosos que a prostavam como se de repente o coração deixasse de bater dentro do seu peito de virgem! E deixava-se ficar esquecida do trabalho, das horas, do tempo n'uma quietação idiota. N'uma d'essas crises, perdida, fóra de si, dirigiu-se á janella, como louca, decidida a precipitar-se d'ella abaixo. Hesitou, teve medo, e, ao mesmo tempo reparou que na rua uma senhora, parada em frente da porta, que para si valia mais que a d'um sacrario, olhava para um e outro lado, como quem procura convencer-se que era realmente aquella a casa que buscava. Viu-a levantar a aldraba e entrar. N'esse instante, dissiparam-se-lhe todos os pavores que a martyrisavam. O seu amor, a chimera, estava ali defronte, a dois passos!

Ouvira, em tempo, fallar a mãe n'uma associação de senhoras que soccorria os pobres, indo ellas proprias levar-lhes esmolas juntas com palavras de muita resignação. Sim, era isso, era uma d'essas bemfeitoras, que ia soccorrel-o, ao seu amado, que ali jazia doente, moribundo talvez! Desceu apressada a escada e foi postar-se á porta da casa a interrogar essa senhora que para Luiza, n'aquelle momento, revestia as fórmas d'um anjo cahido do céu para a salvar!

Esperou, esperou por muito tempo. Ella que não descia é que devia ser desesperado o estado do doente. Lembrou-se da mãe. Como se morre depressa! Resolutamente abriu a porta e subiu a escada. No fim do segundo lance havia um corredor escuro, parou; abrindo-se ao fundo uma porta, uma faxa de luz illuminou-o obliquamente. Da sombra, e cosida com a parede, espreitou. Pareceu-lhe que sonhava! De costas para ella a senhora despedia-se d'um rapaz novo e elegante que lhe imprimia na bocca um beijo demorado!...

Horrorisada e recuando pé ante pé, como um ladrão que se sente prestes a ser apanhado, apenas chegou á escada, desceu-a precipitadamente. Uma vez em baixo, levantou os olhos marejados de lagrimas para aquellas mentirosas janellas; e allucinado, sem consciencia do que fazia, principiou a caminhar pela rua adeante. Era noite e bem escura, quando e sem saber como se achou encostada á muralha do aterro. As aguas na baixa-mar, deixavam a descoberto o fundo lamacento do rio francamente alumiado pelos candieiros da margem. Se as lagrimas, que em fio lhe escorriam pela cara abaixo, podessem encher o Tejo, ter-se-hia precipitado do parapeito, acabando de vez com o atroz soffrimento que a perda da sua primeira illusão lhe causava! E presentia que seria a derradeira! Que mais lhe restava no mundo, agora, que sentia o coração morto dentro de si?

Os estreitos reflexos das luzes dos pharoes dos navios ancorados *a meio do rio*, scintillavam marcando distinctamente, com pequenos pontos brilhantes, a linha d'agua. De olhos fitos cuidava vêr crescer a maré, e anciosa aguardava o momento que tanto lhe tardava, de se deixar cahir de chofre na corrente!...

Um bebado, que passava do outro lado aos bórdos, encostando-se ás paredes das trezenas, ao lobrigar um vulto de mulher, atravessou aos zig-zagues, e abeirando-se d'ella, agarrou-lhe d'um braço, rosnando:

—Anda d'ahi rapariga.

Luiza, refeita do susto, desembaraçou-se da mão que o opprimia e com os debeis punhos cerrados bateu de encontro ao peito do bebado, que tombou estatelado no chão. Grunhindo como uma fera, rolava sem conseguir levantar-se. E ella, a quem aquelle atrevido convite *enchera de indignação*, ao vêr assim um homem estrebuchar nas pedras do passeio, teve dó e approximou-se com o intento de o ajudar a pôr de pé. Ao curvar-se, porém, vendo-lhe luzir na palma da mão a folha d'uma navalha, teve medo, soltou um grito de terror e desatou a fugir!

*

Dois dias depois, os visinhos de Luiza como a não ouvissem cantarolar em cima, e não déssem tento d'ella ter sahido, concertaram uns com os outros ir ter com o regedor da freguezia a fim de o prevenir das apprehensões que tinham a tal respeito.

Arrombou-se a porta. No chão havia dois fogareiros cobertos de cinza branca. Sobre a cama e muito cosido com a parede, deixando vago o logar da mãe, jazia um cadaver de Luiza, segurando ainda n'uma das mãos um pequeno ramo feito d'amores e cravos desmaiados!

Bernardo Pimenta.

A exposição fluctuante

Vai effectuar-se brevemente, em Hespanha, uma reunião com o fim de tornar officialmente publico o projecto da exposição fluctuante a bordo do vapor mercante «Benicarló» e nomiar a commissão executiva, da qual farão parte representantes de todas as corporações importantes.

O vapor «Benicarló» está convenientemente ornamentado, e deu-se já principio aos trabalhos de installação.

Manobras do outomno

Consta, que estão em Lisboa alguns officiaes estrangeiros para assistirem ao exercicio de divisão que se ha de realisar dos dias 8 e 9 de outubro proximo.

Convento de Cellas

Refere um jornal de Coimbra que por ordem superior se sobre-esteve na venda do convento de Cellas, situado nos arrabaldes de Coimbra, até se saber qual é a parte que deve ser considerada como monumento nacional.

Para este fim foi nomeada uma commissão composta dos srs. drs. Augusto Mendes Simões de Castro, Serra Mirabeau, Joaquim Martins de Carvalho e Luiz Augusto Pereira Bastos.

O parecer d'esta commissão deverá ser entregue na segunda repartição dos proprios nacionaes.

O mosteiro de Santa Maria de Cellas de Voimarães foi fundado em 1217, por D. Sancha, filha de D. Sancho I. N'elle viveu e morreu a sua illustre fundadoura, cujo cadaver mais tarde foi transladado para o mosteiro de Lorvão.

Um processo engraçado

No tribunal civil de Antuerpia decidiu-se ultimamente um curioso processo.

A..., tem uma filha muito dada a devaneios lyricos, que todos os dias e todas as noites tocava desesperadamente n'um Erard mais ou menos authentico que tinha na sala das visitas. A visinhança principiou um dia a embirrar com tanta muzica, e pediu ao pae da pianista que tivesse compaixão dos ouvidos alheios!

O pae, ferido no seu orgulho, respondeu com mau modo a tão extranho pedido, e disse que sua filha andava fazendo estudos especiaes, que a obrigavam a demorar-se mais tempo ao piano.

B..., que habitava uma sala paredes meias com a do respeitavel A..., enfureceu-se com a resposta do visinho, e jurou vingar-se. Arranjou um realejo enorme, com emas vozes capazes de desesperarem um suado, e chamaddo um latagão, disse-lhe que tocasse ao terrivel instrumento desde pela manhã altas horas da noite!

A... aperta as mãos na caheça, e a filha sente vertigens; em casa ninguem come nem dorme, nem falla. O realejo faz um barulho medonho, insuportavel, espantoso. A menina quer estudar, mas não pode, e quando vae a fallar é preciso gritar com força para ser ouvida.

Por fim A... vae aos tribunaes pedir justiça. B... é citado, e reclama tambem contra A... N'esta lucta do piano e do realejo, a decisão não podia ser muito facil. Recorreu-se, pois, a uma conciliação, e B... obrigou-se a retirar o realejo, compromettendo-se A... a ordenar a sua filha que moderasse os seus enthusiasmos muzicaes!

E assim se fez, graças ao realejo!

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Saude*,

REVALESCIÈRE

DU BARRY, DE LONDRES

40 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, fleugma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disentria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.mas sr.as marqueza de Brehan, duqueza de Castlestuart, dos ex.mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor VVurzer, o professor doutor Benecke, etc., etc.

Cura n.º 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlin, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á Revalescière du Barry.

«A criança, na edade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistian a todos os tratamentos da sciencia medica. A Revalescière restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas».

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula:—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 reis; de 1/2 kilo, 800 reis; de um kilo, 1$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3$200 reis; de 6 kilos, 6$000.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière Chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás crianças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da **Revalescière**.

DU BARRY & C.ª LIMITED—8, rua Castiglione, Pariz, 77, Regent Street, Londres.

DEPOSITOS EM AVEIRO E PORTO:

Aveiro—Francisco Emilio da Luz e Costa, pharmaceutico.

Porto—James Cassels & C.ª, 127, rua do Mousinho da Silveira.

E. J. Pinto, pharmaceutico, Largo dos Loyos, 36.

Fontes & C.ª, droguistas, Praça de D. Pedro, 105 a 108.

A. J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.

No Algarve tem corrido admiravelmente o tempo para a arrecadação dos principaes fructos d'aquella provincia.

A colheita de figo e uva é abundantissima; a da amendoa e alfarroba é porém muito escassa.

A azeitona funde regularmente.

Exposição maritima de Cadiz

E' no dia 20 do proximo mez de outubro que se procede á distribuição dos premios e entrega dos diplomas aos expositores d'esta interessante exposição.

Galeote

O padre Galeote dirigiu uma exposição ao Papa, na qual, entre outras considerações, se lê a seguinte:

«Informado, como creio que estaes, Beatissimo Padre, da origem, causa e effeitos do desgraçado acontecimento, que sou hoje o que mais o deploro, e mais tenho de ser deplorado, resta-me confessar que tive sempre, tenho e terei a dita gloriosa de ser catholico, apostolico romano, que não posso nem quero alimentar-me senão dos ensinos que o nosso Divino Mestre recommendou ao bom pastor Pedro e que até hoje só tenho bebido, bebo e beberei nas purissimas e salutares aguas d'essa pedra que vos foi recommendada. Esta é a minha fé, e só com ella quero morrer. Presbytero—Caetano Galeote».

Em Ovar trata-se de organisar uma empreza para estabelecer um caminho de ferro, via reduzida, entre aquella localidade e Oliveira de Azemeis.

A pelle de Prazini

Pela «Correspondencia de España» chegada ha dias, soubemos quaes foram os auctores da profanação do cadaver de Prazini, os quaes teem bastante nomeada pelos cargos que desempenhavam na perfeitura de policia.

O governo francez recebeu dos srs. Taylor e Coron o pedido de exoneração dos seus respectivos logares, como satisfação á indignação publica que se manifestou muito violentamente a proposito do requinte de crueldade d'aquelles funccionarios, em quererem possuir umas bilheteiras de pelle do condemnado.

REVELAÇÃO

Caminhava suavemente
Entre a aragem matutina
Como a agua crystallina
Em sua marcha indolente,

Fendendo serena os ares
Como a innocente andorinha
Que tantas vezes definha
Na travessia dos mares,

Ou ás vezes n'um atalho
A volitar, inquieta,
Sorvendo na violeta
A gota branca do orvalho,

Assim te idealisei,
O' minha doce creança!
—E em minha mente descança
A imagem de quem amei!

Guedes d'Oliveira.

O tabaco

Foi em 1492 que se descobriu a planta do tabaco na parte oriental da ilha de Cuba, nas margens do rio Caunau, descoberta feita por alguns homens que foram com Colombo na sua primeira expedição ao novo mundo. O tabaco é, pois, oriundo do paiz que conquiston aquelle celebre navegador.

Os americanos chamavam *nbacoos* á planta do tabaco, e os naturalistas chamam-lhe *tabacum* ou planta nicotiniana. O tabaco foi introduzido na Europa depois da segunda viagem de Christovão Colombo, estendendo-se então o uso d'elle por todas as partes do mundo, produzindo em muitas pessoas effeitos desastrosos o abuso de fumar, pois eram ainda desconhecidos os seus inconvenientes.

Em Inglaterra Jayme I prohibiu severamente o uso do tabaco, comparando fumo que elle exhala quando se queima, ao do inferno.

Carlos II tambem o prohibiu.

Em 1610 os fumadores de tabaco, foram castigados por ordem do Sultão; passeiados pelas ruas de Constantinopla, eram escarnecidos e corridos á pedra. Em 1624 o Papa Urbano VII excommungou todos que entraram com tabaco nas egrejas. O czar de Moscovia Miguel Federowitch, no anno de 1634, condemnou á morte os que faziam uso do tabaco, e Pedro, o grande, imperador da Russia, não só confirmou esta sentença, mas fez mais, pois mandou cortar o nariz a toda a pessoa que cheirasse rapé. Apesar de tão severas leis o tabaco domina hoje na maioria do genero humano, pois que o cigarro, abstraindo a sua parte nociva, produz expansões, esclarece as ideias, dá alegria e distracção ao triste e ao preoccupado, e é emfim um agradavel entretenimento para todo aquelle que o usa com moderação.

O artista e o litterato teem constantemente uma ajuda moral no tabaco, e um poeta disse: «O momento mais inspirado na vida, deve-se muitas vezes a um cigarro».

Observatorio da princeza D. Amelia

Collocou-se no domingo passado sobre o terraço do observatorio da princeza D. Amelia, na Serra do Pilar, o anemographo que corôa aquelle observatorio.

Este instrumento comprehende tambem um udographo e um apparelho de registar as pressões maximas do vento.

E' mais um trabalho importante, que saiu das officinas de M. Herrmann, a quem foi confiada a construcção d'aquelles instrumentos pelo sr. Capello, director do observtorio do infante D. Luiz. O anemographo principal d'este observatorio, serviu de modelo ao da Serra do Pilar, que tem modificações importantes, introduzidas pelo constructor.

E' uma obra digna de ser examinada pelas pessoas entendidos, e que ficará attestando por longos annos os recursos do estabelecimento que os forneceu.

A ESTAÇÃO

Jornal illustrado de Modas para as familias

Assignatura, por anno.....	4$000 reis
» 6 mezes.....	2$100 »
Numero avulso.....	200 »

LIVRARIA CHARDRON

Lugan & Genelioux, Successores—Porto

EMPREZA EDITORA—LUCAS & FILHO

RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 93, LISBOA

SEIS ANNOS DE REINADO

ROMANCES HISTORICOS ORIGINAES

DE

CARLOS PINTO D'ALMEIDA

Publicação semanal ás cadernetas de 32 paginas, custando 40 réis cada uma caderneta

A Bibliotheca Universal, fiel ao seu programma, vae publicar os interessantes romances historicos originaes do bem conhecido escriptor portuguez o Sr. Carlos Pinto d'Almeida, que constituem o reinado do Principe D. Miguel, tão fertil em acontecimentos publicos. Divididos em seis partes, formam outros tantos volumes com os seguintes titulos:

Primeira parte—**A Herança do Cardeal**—Segunda parte—**O Guerrilheiro**—Terceira parte—**O Commendador Resuscitado**—Quarta parte—**No Cerco do Porto**—Quinta parte—**Nas Linhas de Lisboa**—Sexta parte—**Em Evora Monte.**

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Em Lisboa, serão distribuidas semanalmente 4 folhas de 8 paginas cada uma, pela quantia de 40 réis cada folha, ou 32 pag. por 40 réis.

Nas provincias, só serão enviadas aos sr. assignantes em cadernetas de 10 folhas ou 80 paginas, 100 réis cada uma. Os srs. assignantes, tanto de Lisboa como das Provincias, que assignarem para lhe ser enviado o volume brochado, custa-lhe 400 réis, adiantadamente—Avulso depois da publicação, cada volume, custa 500 réis e encadernado 620 réis.

Todas as requisições e assignaturas devem vir acompanhadas do importe da 1.ª caderneta ou volume adiantadamente, em estampilhas ou vale do correio, ao Escriptorio da Empreza—Lucas & Filho, Rua do *Diario de Noticias*, 93—Lisboa.

A BIBLIA SAGRADA

Traduzida da Vulgata latina pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo e novamente revista sobre o texto latino pelo dr.

XAVIER DA CUNHA

2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, contendo as notas illucidativas do texto, revistas e ampliadas pelo

Dr. Manuel de Jesus Lino

Lente de Hermeneutica sagrada e Exegese biblica na Faculdade de theologia da Universidade de Coimbra

Nova edição auctorisada pelo eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa e illustrada com

320 GRANDES COMPOSIÇÕES

DO DESENHADOR

GUSTAVO DORÉ

Esta edição constará de dois volumes distribuidos em entregas quinzenaes de 8 paginas e duas gravuras. Quando a Empreza julgar conveniente distribuir uma só gravura o numero de paginas de texto elevar-se-ha a 12.

O numero das grandes composições foi elevado pela Empreza, de 100 que primitivamente annunciara, a 230 devidas ao grande desenhador francez **Gustavo Doré**, sem que por tal motivo o preço das entregas seja alterado, sendo portanto o preço de cada entrega **200 réis** em todo o reino e ilhas, pagos no acto da entrega, tanto na capital como nas terras onde a Empreza tenha correspondentes.

Nas localidades, onde a Empreza não tenha representante, as assignaturas far-se-hão ás séries de cinco entregas, adiantadamente em vales do correio ou em estampilhas.

PREÇO DE CINCO NUMEROS — 1$000 RÉIS

Todos os pedidos devem ser feitos a

CARVALHO & PONS

LISBOA

Vigor do cabello de Ayer

O Vigor do Cabello de Ayer impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER

O remedio mais seguro que ha para cura de Tosse, Bronchite, Asthma, e Tuberculos pulmonares.

EXTRATO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER

Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das Escrofulas.

O Remedio de Ayer contra sezões

Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios acima indicados são altamente concentrados, de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER

O melhor purgante suave e inteiramente vegetal.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

E um agradavel e saudavel **REFRESCO**.

Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, Rua do Mousinho da Silveira 127 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes Remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodoas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogrias. **Preço 240 réis.**

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO, 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

Fundição de canos, columnas e vigas por preços limitadissimos

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO

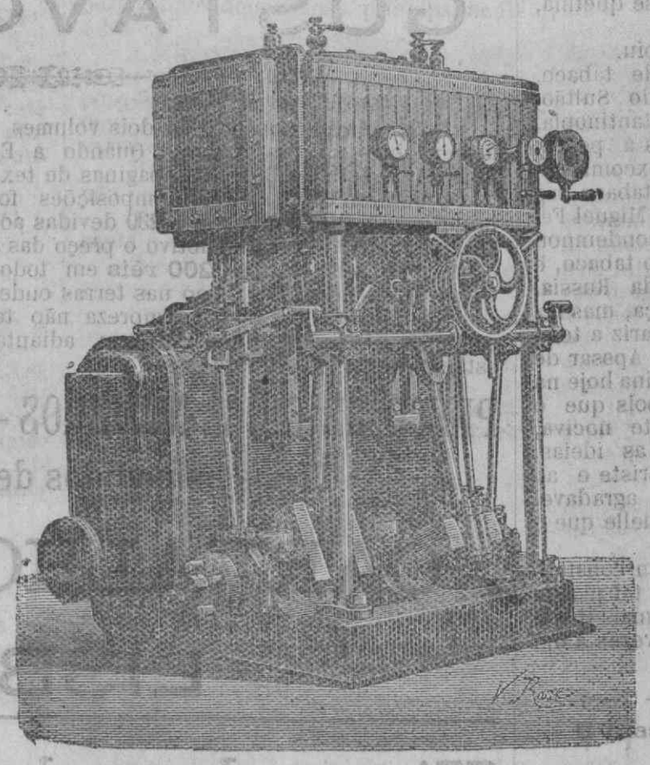
De Pontes Metallicas para Estradas e Caminhos de Ferro

Lancha de ferro a vapor

Lancha de ferro a vapor

LANCHA DE FERRO A VAPOR construida em 1883 nas officinas da «Empreza Industrial Portugueza» para serviço de reboques no Pará

Machina a vapor da força de 30 cavallos



Machina a vapor da força de 30 cavallos

MACHINA A VAPOR, da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da «Empreza Industrial Portugueza» para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, Visconde da Praia Grande de Macau

A Empreza Industrial Portugueza, actual proprietaria das officinas de construcções metallicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas, ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita, portanto, encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas, canos e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em deposito grandes quantidades de canos de todas as dimensões

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a **Empreza** um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos e em geral o necessario para as construcções civis, onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Empreza Industrial Portugueza

SANTO AMARO
LISBOA

A prestações de **500 RÉIS** SEMANAES

Grandes descontos a prompto pagamento

Garantia illimitada por todo tempo

A nova machina para cozer da

COMPANHIA FABRIL

"SINGER"

DE LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura, com as quaes se faz com a maior facilidade os trabalhos mais delicados

A prestações de **500 RÉIS** SEMANAES

Grandes descontos a prompto pagamento

Ensino e consertos GRATIS

A NOVA MACHINA DE LANÇADEIRA OSCILLANTE

MARCA DA FABRICA

A NOVA MACHINA DE LANÇADEIRA OSCILLANTE

AS SUAS GRANDES VANTAGENS SÃO:

BRAÇO MUITO ELLEVADO

AGULHA É SEMPRE AJUSTAVEL

Lançadeira que leva um carrinho de algodão

DA' 2000 PONTOS POR MINUTO!!

LEVISSIMAS NO TRABALHO

Silenciozas sem egual

Não preciza encher canella nem enfiar a lançadeira. O pesponto é o mais bello e o mais illastico. Todo o seu machinismo é ajustavel estando a machina sempre perfeita

A nova machina de Lançadeira Oscillante é dedicada ao serviço de costureiras, alfaiates, sapateiros, chapeleiros, correeiros e para toda a classe de costura.

A nova machina de Lançadeira Oscillante está construida especialmente para costureiras que se dedicam á costura de punhos e collarinhos.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, RUA JOSÉ ESTEVÃO, 79

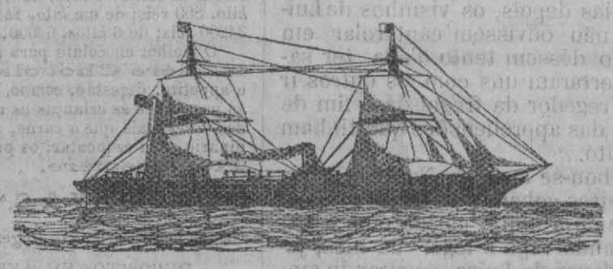
NOVIDADE

Bordados a alto relevo feitos com lã

AVEIRO

Privilegio por 20 annos

EM 13 — E 28



MALA REAL INGLEZA

(Incorporada por carta real em 1839)

PAQUETES A SAHIR DE LISBOA:

NEVA — EM 15 de Setembro de 1887 para: Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

TRENT — EM 28 de Setembro de 1887 para: S. Vicente, Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.

Por qualquer d'estes paquetes se acceitam tambem passageiros para muitos outros pontos.

Para mais informações

Os agentes no Porto,

William C. Tait & C.º

Unico agente em Aveiro

José Pinto da Costa Monteiro

Imprensa Aveirense — Largo do Rocio — Aveiro